UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA

LAURA FELICIANO VASCONCELOS DE ALBUQUERQUE

ENTRE O BELO E O ABISMO: A ESTÉTICA COMO CAUSA DE MAL-ESTAR NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA EM “A SUBSTÂNCIA”

MACEIÓ-AL
2025

LAURA FELICIANO VASCONCELOS DE ALBUQUERQUE

ENTRE O BELO E O ABISMO: A ESTÉTICA COMO CAUSA DE MAL-ESTAR NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA EM “A SUBSTÂNCIA”

Trabalho apresentado à Universidade Federal de Alagoas, como requisito do Programa de Graduação em Psicologia, como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientador: Prof. Dr. Charles Elias Lang.

MACEIÓ-AL
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PSICOLOGIA
COORDENAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TERMO DE APROVAÇÃO

ALUNA: Laura Feliciano Vasconcelos de Albuquerque

TÍTULO Entre o belo e o abismo: a estética como causa de mal-estar na sociedade contemporânea em "A substância"

BANCA EXAMINADORA:

gov.br Documento assinado digitalmente
CHARLES ELIAS LANG
Data: 01/06/2025 14:02:05-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Charles Elias Lang
ORIENTADOR/A

gov.br Documento assinado digitalmente
EVERTON FABRICIO CALADO
Data: 01/06/2025 16:47:25-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Everton Fabrício Calado
AVALIADOR/A

APROVADO EM 01/06/2025

gov.br Documento assinado digitalmente
TELMA LOW SILVA JUNQUEIRA
Data: 02/06/2025 21:39:00-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra Telma Low Silva Junqueira
ou
Prof. Dr. Saulo Luders Fernandes
COORDENAÇÃO DE TCC

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo investigar a relação entre a pressão estética e o mal-estar psíquico contemporâneo à luz da teoria psicanalítica. Para tanto, utilizou-se o filme A substância como narrativa representativa, a fim de analisar e tecer comparações entre as personagens e a experiência cultural da corporeidade. A pesquisa busca mostrar que a lógica do consumo opera como reforçadora de práticas de violência contra o corpo e desenvolvimento de padrões estéticos volúveis e inalcançáveis. Tal prática apoia-se em excessos para atender às expectativas normativas, ocasionando uma organização psíquica que possibilita o sofrimento.

Palavras-chave: Pressão estética; Mal-estar na cultura; Consumo; Sofrimento psíquico; Psicanálise.

ABSTRACT

This study aims to investigate the relationship between aesthetic pressure and contemporary psychological distress in light of psychoanalytic theory. As part of this analysis, the film The Substance was used as a representative narrative to examine and draw comparisons between its characters and the cultural experience of corporeality. The research seeks to demonstrate that consumerist logic reinforces practices of violence against the body and fosters fickle and unattainable aesthetic standards. Such practices rely on excess to meet normative expectations, resulting in a psychic organization that enables suffering.

Keywords: Aesthetic pressure; Civilization and Its Discontents; Consumerism; Psychological suffering; Psychoanalysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 7
METODOLOGIA.....8
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... 8
ANÁLISE DO FILME.....11
DISCUSSÃO..... 14
CONCLUSÃO..... 17
REFERÊNCIAS.....19

INTRODUÇÃO

Na cultura contemporânea, somos constantemente afetados pelo excesso de informações que trabalham a serviço de uma ideologia. As redes sociais, por exemplo, se assemelham a vitrines de uma vida, ao menos aparentemente, feliz e sem imperfeições. Esse tornou-se o padrão da experiência atual dos indivíduos com a existência e as relações. Esta ideologia opera em favor de um mecanismo dominante: o consumo.

Este modo de vivência atual pode proporcionar ao sujeito uma sensação de aninhamento, de fazer parte de algo, uma experiência coletiva da qual, ainda que gere desconforto, acredita não poder renunciar (Horkheimer e Adorno, 1973 apud Ramos, 2008). Ter uma aparência física dentro dos padrões da sociedade parece, à primeira vista, uma resolução de problemas, mas submetido a uma análise mais aprofundada, mostra-se fonte de angústias.

Para Freud (1921) é necessário compreender o elo entre as psicologias individual e social, uma vez que o indivíduo, salvo em casos excepcionais, se constitui através da relação com o outro. Defende, por influência das ideias de Le Bon que, em grupo, pode-se encontrar identificações capazes de gerar necessidade de manutenção do vínculo. Para tanto, por vezes faz-se necessário renunciar à subjetividade, propiciando submissão ao pensamento da massa.

O que proporciona a capacidade de criar vínculos com o mundo é a superação do narcisismo primário. Por meio desta separação inicial o sujeito desenvolve seu interesse pelo outro, já que percebe-se insuficiente (Freud, 1915). É a falta que nos move enquanto sujeitos de desejo. É através da necessidade de tamponamento desta falta que somos impulsionados em nossa existência, nos movemos pela incompletude (Freud, 1930), gerando impacto em diversas de nossas escolhas, mas trataremos aqui especificamente do modo como ele molda nossa relação com a aparência e o ideal estético. Assim, pensaremos como o desejo, que opera nas dinâmicas da civilização contemporânea, evidencia o mal-estar psíquico decorrente da pressão estética.

O que foi retratado em A substância (2024) representa o imperativo narrativo sobre a aparência do corpo, capaz de produzir sofrimento e, por vezes, consequências negativas irreversíveis ao sujeito. O que deve ser analisado criticamente é o quanto o desejo de corresponder aos padrões estéticos estabelecidos socialmente pode superar a integridade física. A dor passa a uma nova conotação, através da qual pode-se chegar ao objetivo pretendido. Nota-se como as fronteiras entre o que é ou não possível para alcançá-lo não são mais tão evidentes, já que na sociedade contemporânea “quando só se tem apetite pela

satisfação completa, a manutenção da vida em momento nenhum constitui um fator restritivo" (Melman, 2003).

METODOLOGIA

O método utilizado para o desenvolvimento da ideia consiste na análise fílmica, explorando a narrativa do filme A substância, de 2024, como recurso capaz de representar fenômenos psíquicos e culturais. Nos utilizaremos então deste recurso de análise, como elucida Penafria (2009), para o decompor e, posteriormente, estabelecer ligações entre teoria psicanalítica e os recursos cinematográficos.

O filme em questão nos possibilita discutir, por meio de seus elementos, alguns impactos da pressão estética, como esta se apresenta na atualidade e as possíveis implicações psíquicas na personagem. Tal estratégia foi escolhida com o objetivo de enriquecer a discussão por meio de ilustração, uma vez que "O cinema tem, sem dúvida, como uma de suas vocações, a reflexão sobre si mesmo, sobre a imagem, sobre o sujeito. Sobre a vida" (Rivera, 2008).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O nosso viver em sociedade, atravessado por ganhos e perdas, exige que por ele paguemos um preço. Portanto, algo em nós será sacrificado para viabilizar o laço social. É fundamental, entretanto, analisarmos criticamente o quanto comprometemos nosso psiquismo em favor da manutenção do vínculo e compreensão de pertencimento, especificamente, aqui, no que tange ao mal-estar contemporâneo ocasionado pela pressão estética sobre o corpo.

Segundo idealizado por Horkheimer e Adorno (1973 apud Ramos, 2008), o sujeito contemporâneo não apenas se submete à ideologia vigente, mas identifica-se profundamente com ela, tornando-a fundamental para sua constituição. Os autores, neste ponto, tratam de uma razão cínica, explicitando que o homem contemporâneo vivencia a ideologia como sendo a única possibilidade. Significa que faz parte do caráter ideológico atual que o homem não necessariamente a siga por falta de compreensão em sua totalidade, incluindo seus danos possíveis, mas que a tenha como inevitável.

Em *o mal-estar na civilização* (1930), Freud traz ideias de como o funcionamento da cultura produz afetações relevantes nas relações dos indivíduos consigo e com os outros. Esclarece que, para a cultura seguir seu curso, é necessário manter os interesses do grupo

acima dos individuais, justificando inclusive a necessidade de repressão dos impulsos. O investimento que fazemos pelo convívio social dialoga com a teoria do processo de constituição do Eu, a partir do narcisismo primário, e evidencia como essa dinâmica se apresenta desde os estágios iniciais do desenvolvimento psíquico.

Freud coloca, em *Introdução ao Narcisismo* (1914), o conceito de narcisismo primário, explicando que na fase inicial do desenvolvimento, o bebê é autocentrado, não distinguindo seu Eu do mundo exterior, no qual todo o investimento libidinal está voltado para ele. O bebê, por exemplo, não compreende que aquele ser que o amamenta - a mãe - não faz parte dele, percebendo-a como uma extensão de si.

A perda vivenciada no estágio de superação do narcisismo primário funcionaria, então, como um ensaio do que o sujeito vivenciará nos anos posteriores, um direcionador das concessões necessárias para a dinâmica social, através da restrição própria, apesar de por vezes estabelecido por contratos sociais implícitos, das pulsões do sujeito. Freud (1915) nos afirma que:

> A pulsão, por sua vez, jamais atua como uma força constante. Como ela não ataca de fora, mas do interior do corpo, nenhuma fuga é eficaz contra ela. Uma denominação melhor para o estímulo pulsional seria "necessidade", e para o que suspende essa necessidade, "satisfação". Ela pode ser alcançada somente através de uma modificação adequada da fonte interna de estímulos (Freud, 1915, p. 19).

Freud (1915) explica como o indivíduo é composto por uma ambivalência de impulsos. Ambas operam submetidas ao princípio do prazer, buscando satisfação e gratificações imediatas. O que nos esclarece é que as pulsões podem ter diferentes destinos, mas não somem por completo. Portanto, a teoria freudiana aponta um sofrimento ocasionado pela postura repressiva estabelecida pela cultura.

Ao longo dos séculos XX e XXI fatos históricos com impactos sociais, culturais e econômicos remodelaram os mecanismos de controle e adaptação do sujeito, refazendo não apenas as normas sociais, mas também a produção do sofrimento psíquico na contemporaneidade, incluindo a pressão estética. A relação entre corpo e cultura surge como um dos meios pelo qual o sujeito está submetido à necessidade de vincular-se. Como dito por Novaes (2006 apud Silva e Rey, 2011)

> (...) é importante ressaltar que a forma como elas se relacionam com o próprio corpo está atravessado também pela dimensão cultural, visto que "os corpos são produzidos pelas sociedades em uma dialética sujeito/cultura. (...) A experiência do corpo é sempre modificada pela experiência da cultura" (Novaes, 2006 apud Silva e Rey, 2011).

O antropólogo David Le Breton (2003), faz confluência entre experiências sensoriais e construções culturais e sociais, na qual o corpo humano, indiscutivelmente vulnerável às ações externas, é lembrete de uma falta causadora de angústia. Esta, segundo a lógica tecnocientífica, deriva de uma apresentação do corpo como fonte de adoecimento ao sujeito, passível de reformulação que reduza suas limitações frente à vida. O autor afirma que

> O corpo é declinado em peças isoladas, é esmigalhado. Estrutura modular cujas peças podem ser substituídas, mecanismo que sustenta a presença sem lhe ser fundamentalmente necessário, o corpo é hoje remanejado por motivos terapêuticos que praticamente não levantam objeções, mas também por motivos de conveniência pessoal, às vezes ainda para perseguir uma utopia técnica de purificação do homem, de retificação de seu ser no mundo. O corpo encarna a parte ruim, o rascunho a ser corrigido (Le Breton, 2003, p. 16).

Essa fragmentação corporal evidencia o desejo de correção que se conecta à noção freudiana da beleza como elemento de conforto sensorial, mas também é produtora de um ideal estético inatingível. Freud (1930) elucida como a beleza, independente da fonte, não tem exatamente uma utilidade, mas teria um efeito inebriante, que traz certo nível de conforto e agrado através dos sentidos, e do qual a sociedade não poderia se livrar. Então, o belo parece indispensável, mas se tratando da beleza dos corpos, o ponto conflitante está na busca desenfreada por um padrão inalcançável.

É possível ter como destino a dificuldade em firmar uma identidade estável, possibilitando uma fragilidade que gere necessidade de validações externas. A cisão entre o Eu e o exterior é fundamental para a constituição de um Eu fortalecido que se relaciona de maneira satisfatória consigo e com o que é externo. Logo, é necessário que o narcisismo primário seja superado, assim o indivíduo pode constituir também vínculos e relações saudáveis (Freud, 1915).

Freud (1930) afirma que a felicidade que podemos experimentar é bastante limitada por nossa constituição psíquica. A busca por este estado de ânimo consiste na ausência de dor e na busca de intenso prazer (sendo principal a segunda meta), mas podemos provar de uma satisfação superficial se tudo ocorrer como ansiamos pelo programa do princípio do prazer, pois é mais fácil experienciar a sensação de infelicidade. Este estado pode nos afetar através de três meios: o corpo, o mundo externo e as relações com outros indivíduos, que apesar da tendência a ser considerada menos importante, é a que pode nos afetar de modo mais doloroso em relação aos demais.

As fronteiras entre o Eu e o mundo não nascem prontas, mas vão sendo moldadas com as experiências. Freud (1930) registra que, para que não seja voltada contra a cultura, a

agressividade que carregamos pode ser direcionada contra o próprio Eu, gerando sentimento de culpa por ações ou pensamentos considerados indesejáveis e maus, além da necessidade de punição, não de instância externa, mas agora na própria consciência. Assim, compreende-se que “(...) também o sentimento do Eu está sujeito a transtornos, e as fronteiras do Eu não são permanentes" (Freud, 1930).

Aquilo que idealizamos, segundo Freud (1930), ainda que sob risco de prejudicar o outro, não necessariamente parecerá mau ao Eu, mas apenas meio para a satisfação de necessidades. O que dá direcionamento e contorno a estes desejos é a relação com o outro, pelo risco de oferecer como resposta o desamor e abandono, uma vez que “(…) o preço do progresso cultural é a perda de felicidade, pelo acréscimo do sentimento de culpa” (Freud, 1930). Assim, surge uma instância psíquica denominada supereu, que funciona como uma restrição interna, é a internalização das normas sociais, da qual nada escapa, nem mesmo o mero pensamento e desejo íntimo de satisfação das pulsões.

O sujeito pode apresentar resistência ao se separar de meios que o dão prazer, mas que são objetos exteriores a ele, ou pode querer apartar-se daquilo que o causa desprazer, mas que faz parte do Eu, portanto, indissociáveis, tentativas que podem contribuir para o surgimento de perturbações no psiquismo (Freud, 1930). Ao recusar sua subjetividade para caber em uma ideologia, outras necessidades, desejos e angústias não sumirão, mas podem voltar-se contra o Eu, maximizando o sofrimento.

Então, partindo das ideias apresentadas, pode-se pensar no modo como o filme A substância (2024), dirigido por Coralie Fargeat, retrata um conflito psíquico que atravessa a personagem principal, Elisabeth Sparkle (Demi Moore), iniciado através da perda que vivencia ocasionada pela relação cultural contemporânea com a pressão estética.

ANÁLISE DO FILME

No filme *A substância* (2024), somos apresentados com enfoque central à personagem Elisabeth Sparkle, interpretada pela atriz Demi Moore, uma artista de programa de aeróbica que já vivenciou o auge da fama, enfrentando, no entanto, sinais de declínio em sua carreira.

Uma das primeiras cenas do filme é a construção da estrela de Elisabeth na calçada da fama de Hollywood, na qual aparece cercada por fotógrafos, revelando que as atenções estavam voltadas para sua imagem de maneira intensa. Porém, com o passar de um tempo não especificado, a estrela que era digna de respeito, passa a ser apenas mais um nome em uma calçada e o interesse das pessoas já não está mais ali. Este momento do filme faz boa alusão

às cenas seguintes, mostrando como o que aconteceu à estrela com o nome de Elisabeth é apenas reflexo do que se tornou sua imagem para as pessoas, algo ultrapassado e sem prestígio.

Após ouvir uma ligação de Harvey, o produtor do programa, sem que este soubesse de sua presença no ambiente, a personagem descobre que estão idealizando substituí-la por alguma mulher mais jovem, pois devido a idade, ela não se enquadraria mais nos padrões ideais para fazê-lo. Elisabeth, sem mencionar que sabia de algo, vai a um restaurante com Harvey, onde ele revela suas intenções, mostrando-se um grande interessado em realizar apenas o desejo dos espectadores, a exemplo de quando diz: “preciso dar às pessoas o que elas pedem (...) e elas sempre pedem algo novo. A renovação é algo inevitável”.

A fala de Harvey reflete a dinâmica que opera na cultura. Como elaborado por Rodrigues e Caniato (2009), a lógica neoliberal é colocar o corpo em posição de competitividade, oferecendo a ideia de um corpo apresentado como mercadoria, que tem valor ao preencher os requisitos da ideologia, mesmo quando tem que ser destruído para alcançar este fim.

Tornando o rumo da história da personagem ainda mais simbólico, um médico que atende Elisabeth em decorrência de um acidente de carro comenta que é o dia do aniversário dela, o que a faz cair em choro sem dizer uma palavra. Isso demarca ainda mais o cenário no qual se encontra: a data carrega o fardo de ser um marco de seu envelhecimento – momento este que a fez sofrer perdas significativas na carreira.

Após o fim da consulta, o enfermeiro analisa o corpo de Elisabeth, afirmando que ela é “a candidata perfeita”, e sem mais explicações dá a ela um pequeno embrulho que afirma ter mudado sua vida. No conteúdo está um pendrive com um vídeo enigmático sem informações seguras do produto que pretendem fornecer, apenas frases de efeito o que, apesar disso, é suficiente para convencer Elisabeth a buscá-lo.

Os dizeres “já sonhou com uma versão melhor de si? (...) Mais jovem, mais bela, mais perfeita…” expressas no vídeo que promove a substância causam impacto, inclusive, pela forma direta como aparecem. Provavelmente, esse não costuma ser um modo de apelo comum utilizado para vender felicidade atrelada à eliminação de imperfeições, independente de sua natureza, mas a ideia do mais belo, mais perfeito, certamente faz contorno aos produtos ofertados diariamente a nós, que passamos de pessoas a consumidores.

Elisabeth faz uso, então, da substância, que tem como efeito o desenvolvimento de Sue, surgindo a partir da divisão do corpo de Elisabeth, apesar de partilharem a mesma consciência. Byung-Chul Han (2019) traz como referência do novo ideal de belo o padrão

estabelecido por Edmund Burke (1989), o corpo belo como aquele que não apresenta resistência, que é pequeno, delicado, terno, gracioso e liso, características que podemos perceber em Sue, e que a tornam capaz de despertar o amor e satisfação.

Outro ponto importante do filme é a frequente reafirmação de que Elisabeth e Sue são duas partes de um todo, apesar das diversas tentativas de contraposição de uma em relação a outra. Quem atende as ligações de Elisabeth e Sue repete o que foi dito durante o vídeo: "vocês são um só", mas essas palavras não surtem o efeito esperado, ambas não se identificam. Como telespectadores do conflito constante, somos levados pela dificuldade em enxergá-las como sendo uma mesma consciência.

Elisabeth reencontra o enfermeiro que ofereceu a ela o embrulho contendo as informações sobre a substância no hospital, desta vez em sua versão matriz, ou seja, com idade mais avançada. O resultado é angustiante, já que ele indaga coisas como: "você não se sente mais solitária?", "essa parte de você ainda vale alguma coisa?" e "ele (a outra parte) já começou a corroer você?".

Já não há mais relações de qualquer tipo na vida de Elisabeth, completamente sozinha, passou a investir toda a sua libido em algo que a sociedade aceitaria, aquilo que corresponde aos padrões estéticos, mas que acaba tornando-se um lembrete constante do que ela não pode mais ser. Esse deslocamento da libido reflete a forma com a qual o sujeito afetado pelo ideal se relaciona com o outro, pois segundo citado,

> Se os outros indivíduos-corpos são concorrentes potenciais que ameaçam o reconhecimento social do indivíduo (que se dá hoje pela aparência de "ser"), dificilmente haverá um direcionamento da libido nos pares, as identificações são restritas e muitas vezes ficam voltadas a objetos de consumo: "corpos solitários"! Para fechar este quadro, os indivíduos que tanto buscam bastar-se a si... não são capazes de confiar ao menos no próprio corpo - o que parece anunciar uma falha narcísica importante (Rodrigues e Caniato, 2009).

Fica evidente que a palavra "equilíbrio" dita na propaganda da substância é uma idealização distante de ser alcançada, não apenas por Elisabeth, mas pelo enfermeiro que apresentou a ela o método inovador, uma vez que o campo do psiquismo é terreno fértil para o surgimento de conflitos. O que a relação dolorosa e problemática que desenvolvem evidencia, a cada passo, é que Elisabeth hostiliza Sue por representar aquilo que gostaria de ainda ser: jovem e atraente. Diante daquele ser que escancara sua falta, torna-se impossível demonstrá-la amor, pois já é incapaz de ver em si algo digno de ser amado.

Sempre que telefona para seu fornecedor da substância, para queixar-se das atitudes de Sue, ele a questiona se ela gostaria de parar com o experimento, mas ela, apesar de insatisfeita, recua. Adiante vemos que Elisabeth encara um cartão que Sue recebeu com

flores, no qual estava escrito “eles vão amar você”, e mesmo que estivesse prestes a acabar com a existência de sua outra parte que a estava destruindo, desiste, já não encontra alternativas para reaver uma forma de existir que seja livre da necessidade de perfeição e aprovação externa.

No filme, a imagem de Elisabeth mais jovem é constantemente evidenciada, até mesmo por ela. Vemos isso pelo grande quadro na sala de estar. Quando Elisabeth se vê em sofrimento devido a demissão do programa, olha para o seu rosto estampado e lança a ele um objeto, causando um dano na imagem. Neste ponto há uma relação com o pensamento de Freud (1930), entendendo que o sentimento enfrentado pela personagem acaba retornando para ela como culpa e necessidade de punição.

Nota-se o retrato disso em outros momentos, a exemplo da cena em que Elisabeth combina de encontrar com seu colega de escola, e após arrumar-se totalmente, vê sua imagem no espelho e demonstra desaprovação. Ainda que tente fazer ajustes e trocas, nada a deixa segura de sua aparência, então não vai ao encontro.

Após vivenciar tantos conflitos, Elisabeth tenta se livrar de Sue, decidindo por um fim a sua existência, vê-se incapaz de sustentar a relação já que Sue está retirando dela toda a vitalidade possível para permanecer no controle. Mas Elisabeth, apesar de sua aparência bastante deteriorada, desiste, expressando sobre o corpo de Sue quase sem vida: “você é a única parte amável em mim, você precisa voltar”.

Sue pode ser interpretada como um objeto pulsional de Elisabeth, com o qual alcança sua meta de autopreservação por um elo social. Freud (1915) afirma que o objeto da pulsão pode ser tanto material externo, como parte do próprio corpo. No caso analisado, então, podemos pontuar como Sue apresenta-se como ambos, parte de Elisabeth que tornou-se algo exterior. Elisabeth não consegue se livrar de Sue pela fixação da pulsão com o objeto. É exprimida, então, a necessidade de manter aquilo que faz da parte matriz alguém digno de amor, embora o que a ofereça essa possibilidade consuma sua vida.

DISCUSSÃO

O que o filme A substância (2024) retrata é o modo como a personagem vivencia sua relação com a cultura e a ideologia da pressão estética de modo visceral, passando além dos limites da razão, do zelo ao próprio corpo.

Freud (1930) nos evidencia que a cultura é formada se sobrepondo aos impulsos humanos - sexualidade e agressividade - como forma de repressão a estes. Mas, apesar da

facilitação da vida em grupo, as pulsões não desaparecem, ao contrário, voltam-se para o sujeito, podendo transformar-se em culpa, frustração e hostilidade contra si, evidenciando a incompletude do movimento de repressão. Quando Elisabeth decide não ir ao encontro com o colega de escola, chama atenção a atitude agressiva diante de si, com a qual Elisabeth introjeta a rejeição recebida, não se questionando a respeito da conduta de Harvey em suas falas e ações.

O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, no livro *A salvação do belo* (2019), nos traz concepções acerca da relação da sociedade contemporânea com o que é belo, e como este tem dado lugar a algo distinto, que serve primordialmente ao consumo. Segundo o autor, aquilo que é belo traz uma experiência de confronto, apresenta negatividade, mas esta não se comunica bem com o padrão estético atual, caracterizado por elementos que priorizam o conforto, o desejo de tocar e a complacência.

Além disso, é possível perceber uma cultura crescente de valorização do reflexo do Eu, literal ou metaforicamente. Como alegoria, Byung-Chul Han (2019) menciona uma obra de arte, o *balloon dog*, e destaca a característica de espelhamento do material usado pelo artista Jeff Koons, na qual ao mesmo tempo em que olha a obra, o observador se vê refletido. O filósofo destaca, através desta escultura, os aspectos culturais nos quais não há interioridade ou confrontação com o outro.

Para Byung-Chul Han (2019), na cultura contemporânea, o lado negativo do belo é suprimido, restando apenas sua positividade, aquilo que é digno de “curtida”. Destaca a visão de Platão, quando enfatiza que o efeito do belo, em sua forma original, é como uma loucura que desconcerta o observador, causando espanto. Em paralelo com a relação que nutrimos, mesmo sem percebê-la, com as redes sociais, podemos notar uma aprovação pelas imagens que se apresentam satisfatórias por serem exatamente o que esperamos delas: bem enquadradas, frequentemente retocadas em tons, texturas e cada vez mais distantes da realidade.

É possível associar a posição de Harvey, o produtor do programa, à lógica do consumo, ambos agem de modo voraz com a intenção de suprir faltas e alimentar o desejo das pessoas. Evidencia-se, então, como “consumimos tudo, até a nós mesmos. Trocamos nossas vidas por uma imagem no lugar do Ideal pelo qual possamos nos avaliar e nos validar” (Lucena, Seixas e Ferreira 2020). Assim como Elisabeth, estamos sujeitos a uma cultura de supervalorização da imagem, do belo sendo suprimido para dar lugar ao que se apresenta

como perfeito, algo corrigido na tentativa de tornar-se incorrigível, mas que não chega ao seu objetivo, pois os padrões mudam numa velocidade inalcançável.

Como crítica à sociedade moderna, que relaciona-se a partir das representações em detrimento do real, o autor marxista Debord (1967) escreve teses sobre o espetáculo, termo empregado para definir como o modo de produção capitalista interfere nas relações sociais, por meio do incentivo ao consumo. Afirma que o processo iniciou-se pela passagem do *ser* ao *ter,* e que moveu-se do *ter* ao *parecer.* O espetáculo, então, consiste em moldar a percepção da realidade por meio de imagens, a fim de incentivar o desejo dos indivíduos e alimentar a ideologia capitalista.

Em suma, os autores contemporâneos levantam a questão de um esvaziamento do Eu, os corpos são vitrines, servem ao espetáculo, são uma máscara para uma falta de profundidade. Logo, para Nascimento e Silva (2014), o sujeito do espetáculo encontra meios para ser visto, pois este é seu modo de existir, tornando sua subjetividade em material para alcançar o ideal social. A meta deste sujeito é que o vejam, preferencialmente, em sua forma "mais adequada". Assim como apontado por Lima, Batista e Lara Junior (2013), é através da representação do corpo ideal que o sujeito contemporâneo acessa benefícios e status social, afirmando um ganho considerável, capaz de fazer passar imperceptível o fato de que a ideia de completude e perfeição oferecida pelo sistema de produção vigente é ilusória.

Em consonância, Rodrigues e Caniato (2009) desenvolvem a concepção de que a relação que o sujeito contemporâneo estabelece com o corpo é através de superficialidade, tratando-o meramente como uma embalagem, algo sem interior. Adequa-se às investidas das tendências e do consumo, perdendo de vista seu valor psicossociocultural, ou seja, um corpo aprisionando uma mente que carrega um Eu ideal, a idealização de uma performance.

Nos habituamos à concepção de antes e depois que vemos frequentemente nas redes sociais, no qual o depois mostra sempre corpos aperfeiçoados, possivelmente mais magros, rostos mais jovens após se submeterem a procedimentos estéticos, seja qual for o caso, o antes mostrará a versão que precisava de melhorias e o depois, a "melhor" versão, pois, conforme apontado,

> Sempre haverá um detalhe no corpo a ser "melhorado", por meio de dietas, treinos ou cirurgias, e no momento seguinte à transformação começará a busca por outro detalhe a ser modificado, deslocando o sentido da vida para uma busca narcísica pela perfeição (Lucena, Seixas e Ferreira 2020).

Rodrigues e Caniato (2009) comentam que durante os períodos históricos da humanidade, o corpo foi pensado sob distintas óticas. Na Idade Média, era demonizado por

ser encarado como um entrave para o desenvolvimento espiritual e alcance de virtude. Já na era Contemporânea, as autoras trazem um paradoxo significativo de que o corpo é, ao mesmo tempo, hiper-cotado e hiper-violentado, o que significa uma supervalorização da imagem pessoal, das formas, da apresentação social do corpo, mas para tanto, o meio de alcançá-lo é através de alterações por vezes invasivas e privações.

Podemos, então, notar como em ambas as eras históricas mencionadas, há uma aniquilação da livre corporeidade e busca pelo prazer, transformadas em busca por atender aos padrões estabelecidos. Além disso, a ideia do próprio corpo submetido a uma hiper-violência, na era contemporânea, remete a agressividade introjetada, atualmente camuflada de autocuidado.

As relações construídas com o corpo na cultura evidenciam que este foi encontrado por um senhor que o tentou controlar, conter, como unidade ou por uma fragmentação com a mente, uma vez que "a subjetividade se torna comprável, vendível e consumível; a própria vida se torna uma mercadoria" (Nascimento e Silva, 2014). Em uma sociedade de consumo exacerbado, o sujeito busca pela satisfação plena de seus desejos ainda que, para isso, seja necessário sacrificar o corpo. A lógica do consumo relacionado à estética age como incentivo à busca pela performance, e se o corpo demonstra oposição pode e, talvez, deva ser "aprimorado". Assim como Rodrigues e Caniato (2009),

> Acreditamos, então, haver um processo em comum nos indivíduos hoje: a desintrincação pulsional e a prevalência da pulsão de morte. Esta prevalência da pulsão de morte vem elucidar a fácil adesão a atitudes tão destrutivas em relação ao corpo, atitudes essas inclusive incitadas pela mídia (Rodrigues e Caniato, 2009).

Por consequência, a postura relacional atual, apontada por Le Breton (2003) ao empregar a expressão *próteses químicas*, remete às medidas medicamentosas adotadas a fim de reduzir angústias da mente através do corpo. Assim como Elisabeth, o sujeito contemporâneo serve-se dos recursos disponíveis para amparar-se diante de seu sofrimento, mas atravessa um processo de perda do limite da autopreservação. Chama de autocuidado e amor próprio a degradação que proporciona ao próprio corpo para fazê-lo caber em um estrito e cruel espaço que anula sua subjetividade.

CONCLUSÃO

Freud (1930) aduz que na civilização opera uma necessidade de repressão dos impulsos com o objetivo de manter a ordem social. É isto que o filme nos aponta ao retratar o sofrimento que Elisabeth Sparkle sente, uma vez que não se encaixa mais no padrão estético

do programa que apresentou durante anos. A atitude do chefe de Elisabeth demonstra de forma brusca, porém fidedigna, como a cultura se porta frente a questão estética e estabelece um padrão de beleza inalcançável para os indivíduos.

Freud (1930) registra que a felicidade imposta pelo princípio do prazer não é algo possível de ser alcançado, porém não nos detemos em tentar. Assim, a relação que o sujeito contemporâneo tem nutrido com o corpo parte de um reflexo da sua relação com a cultura, uma vez que, cede às normas estabelecidas para fins de integração social, normas que servem ao ideal do consumo. A infelicidade experimentada por Elisabeth, retomando os modos como podemos alcançá-la, a afeta através de dois dos três meios possíveis: a vulnerabilidade do corpo e a fragilidade das relações, intensificando seus efeitos.

Aqueles que se submetem aos padrões estéticos, podem vivenciar a experiência de mal-estar e sofrimento, já que anulam não apenas seus desejos, mas também suas insatisfações e frustrações, uma vez que as tendências mudam tão rápido que torna-se impossível acompanhá-las. Logo, servem-se do que é oferecido, nutrem o espetáculo, corrigem-se, alinham-se, reprimem-se, mantém aquilo que diverge à margem para serem aceitos e não punidos pela cultura, ainda que o preço pago seja a autopunição.

REFERÊNCIAS

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo.** Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FARGEAT, Coralie. **A Substância (*The Substance*).** França, Reino Unido, EUA: Universal Pictures, 2024. Filme.

FREUD, Sigmund. **As Pulsões e Seus Destinos.** Tradução de Paulo César de Souza. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao Narcisismo.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das Massas e Análise do Eu.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HAN, Byung-Chul. **A Salvação do Belo.** Tradução de João Martins de Oliveira. Petrópolis: Vozes, 2019.

LE BRETON, D. (2003). **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade.** Campinas, SP: Papirus.

LIMA, A. F. DE .; BATISTA, K. DE A.; LARA JUNIOR, N.. **A ideologia do corpo feminino perfeito: questões com o real.** Psicologia em Estudo, v. 18, n. 1, p. 49–59, jan. 2013.

LUCENA, B. B.; SEIXAS, C. M.; FERREIRA, F. R.. **Ninguém é tão perfeito que não precise ser editado: fetiche e busca do corpo ideal.** Psicologia USP, v. 31, p. e190113, 2020.

MELMAN, C. (2008). **O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço.** Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud.

NASCIMENTO, Christiane Moura; SILVA, Luiz Carlos Avelino da. **Sujeito mulher: a imagem da beleza.** Rev. Subj., Fortaleza , v. 14, n. 2, p. 343-357, ago. 2014 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692014000200016&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 maio 2025.

PENAFRIA, M. **Análise de filmes - conceitos e metodologia(s).** VI Congresso SOPCOM. Abril. 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/242758192_Analise_de_Filmes_-_conceitos_e_metodologias>. Acesso em: 20 maio 2025.

RAMOS, C.. **Consumismo e gozo: uma compreensão de ideologia entre T.W. Adorno e J. Lacan.** Psicologia USP, v. 19, n. 2, p. 199–212, abr. 2008.

RIVERA, T. **Cinema, imagem e psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2008.

RODRIGUES, Alexandra Arnold; CANIATO, Angela Maria Pires. **"Corpo-mercadoria", sob controle e punição: prenúncios de uma subjetividade aniquilada?.** Rev. Mal-Estar Subj., Fortaleza , v. 9, n. 2, p. 647-687, jun. 2009 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000200012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 maio 2025.

SILVA, H. C. DA .; REY, S.. **A beleza e a feminilidade: um olhar psicanalítico.** Psicologia: Ciência e Profissão, v. 31, n. 3, p. 554–567, 2011.